

A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NEGRA NA OBRA “O BOM CRIOULO” DE ADOLFO CAMINHA

Janesley Albuquerque¹

RESUMO

Analisa a obra de ficção O Bom Crioulo, de Adolfo Caminha, e busca encontrar como se dá a construção da identidade negra do personagem que dá nome ao livro, em relação ao conjunto de estereótipos ligados à população negra. Busca entender como a ficção traduz elementos de realidade e de história, na construção dos personagens que são a interpretação de uma época histórica, social e culturalmente marcada. Em O Bom Crioulo, identificamos determinantes simbólicos sobre a população negra na sua relação com o branco europeu, na medida em que Aleixo representa o ideal a ser alcançado pelo ideário eugenista e eurocêntrico que marcava o Brasil do século XIX.

I – INTRODUÇÃO

a história da escravização do povo africano, encontramos um projeto de expansão colonial que vai fortalecer as bases para consolidação da ordem capitalista. Este projeto, que vai além da produção de bens econômicos, também se constituiu numa monumental produção de bens culturais e simbólicos apoiados na evangelização e na suposta superioridade europeia sobre os demais povos do mundo.

A colonização do Brasil e sua subsequente inserção no tráfico mundial de seres humanos serão constituídas pelas marcas da hierarquização étnica, de gênero e de classe. Índios, mulheres,

crianças e pobres não eram portadores de direitos, e a partir de 1550, quando o Brasil se introduz na rota dos navios negreiros, estes homens e mulheres, muitos deles sábios e líderes em sua terra, serão destituídos de seus nomes, impedidos de praticar seus ritos religiosos e tratados pelos dirigentes do império colonial como mercadoria, como peças, como força de trabalho sem direitos, sem vínculos, sem raiz e sem afetividade.

Ao mesmo tempo em que enriquecia com o comércio de seres humanos, a Europa produzia teorias que se pretendiam científicas e neutras. Estas teorias atestavam a inferioridade dessas raças, e justificavam a utilização dos africanos negros na condição de escravos.

¹ Professora de Língua Portuguesa e Literatura no Colégio Estadual do Paraná, Secretária de Mobilização e Movimentos Sociais na CUT.

Convencidos de sua superioridade, os europeus tinham a priori desprezo pelo mundo negro, apesar das riquezas que eles tiraram. A ignorância em relação à história antiga dos negros, as diferenças culturais, os preconceitos étnicos entre duas raças que se confrontam pela primeira vez, tudo isso mais as necessidades econômicas de exploração predispuseram o espírito do europeu a desfigurar completamente a personalidade moral do negro e suas aptidões intelectuais. (MUNANGA, 1988:9).

O estudo do orientalismo ² nos mostra as vantagens que havia para o europeu, acreditar na superioridade dos brancos sobre os não-brancos e de como um conjunto de estudos filológicos, antropológicos e históricos, vão permitir que intelectuais do ocidente a serviço da empreitada colonial, produzissem um corpo teórico que vai dar sustentação a um conhecimento que a Europa passa a ostentar sobre os orientais e sobre a África. Este saber filtrado pela cultura europeia vai ser classificado como “o saber” sobre estes povos e vai justificar suas ações de dominação e controle durante os séculos de subordinação

**A BRUTALIDADE DA
ESCRavidÃO FOI JUSTIFICADA
PELA CONSTRUÇÃO
IDEOLÓGICA DA
INFERIORIDADE CULTURAL E
RACIAL DOS AFRICANOS QUE,
NO ENTENDER DOS SEUS
ALGOZES, ERAM OS CULPADOS
PELA SUA CONDIÇÃO.**

destas populações aos interesses econômicos das potências do ocidente.

Em relação ao Brasil, não foi diferente. A brutalidade da escravidão foi justificada pela construção ideológica da inferioridade cultural e racial dos africanos que, no entender dos seus algozes eram os culpados pela sua condição. Ao longo dos séculos as classes dominantes foram produzindo representações estereotipadas do negro, bem como produziram deformações na forma de caracterizar seus costumes, sua imagem e até mesmo sua resistência. O cineasta e professor Joel Zito Araújo, ao fazer um estudo sobre a presença do negro na

telenovela brasileira, observa que “essas representações, influem na construção de imagens que os brancos fazem do negro e que estes acabam por fazer de si mesmos”

(ARAÚJO, 2000:12).

O referido cineasta toca num ponto central da discussão do racismo entre os brancos: a afirmação senso comum de que os negros são eles mesmos

² SAID, Edward. *Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente*; trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

discriminadores do seu grupo étnico, “eles mesmos se discriminam...”. Baibich³, ao trabalhar o auto-ódio⁴ judeu na literatura brasileira, enfoca um conceito que nos serve para entender a introjeção das representações brancas sobre os negros a partir do conceito mesmo de auto-ódio, que se refere ao fenômeno produzido sobre as pessoas submetidas a longos períodos de situações de preconceito e desqualificação de sua imagem e de suas referências étnicas e culturais, e acabam por assumir e internalizar o olhar do agressor sobre si mesmo.

Este fenômeno, estudado com relação aos judeus, é também, ponto do processo de defesa de outras minorias, minorias psicológicas ou sociológicas. Ou seja, grupos humanos que apesar de serem numerosos, como as mulheres, por exemplo, que são metade da humanidade, não constitui uma minoria numérica, mas psicológica e/ou sociológica por estarem

AS DIFERENÇAS SÃO CONSTRUÍDAS DENTRO DE RELAÇÕES DE PODER, E PARA REFLETIR SOBRE ELAS É NECESSÁRIO BUSCAR SABER A PARTIR DE ONDE AS DIFERENÇAS FORAM CONSTRUÍDAS.

alijadas do exercício do poder nessas sociedades e por se constituírem sobre elas, representações deformadas e subalternizadas de suas culturas, de sua estética e de suas relações sociais e espirituais. Uma oposição binária em termos de superioridade e inferioridade que se instituiu como relação de força, mas não era suficiente para o sucesso do projeto colonizador. “Para além da força como meio para manter esse violento equilíbrio, recorreu-se oportunamente aos estereótipos⁵ e preconceitos através de

uma produção discursiva. (...) Tratava-se de um discurso monopolista, da razão, da virtude, da verdade, do ser, etc.” (MUNANGA, 1988:12).

Portanto, a construção das diferenças na contemporaneidade, devem ser entendidas como resultados de relações assimétricas de poder. Não é possível se pensar nas diferenças apenas como resultado das diferentes experiências e

3 BAIBICH, Tânia Maria. *Fronteiras da Identidade: O auto-ódio tropical*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.

4 O auto-ódio pode ser visto como uma decorrência quase direta do mecanismo de defesa de “identificação do agressor”: indivíduos pertencentes ao grupo que é vítima do preconceito e da perseguição identificam-se com os indivíduos dos grupos dominantes, assimilando inclusive valores relativos à visão deturpada de seu próprio grupo, passando a manifestar sentimentos e condutas deste mesmo preconceito. (BAIBICH, 2001:19)

5 Derivado do termo de pintores de pratos de um molde (originalmente do grego stereos para sólido), a expressão refere-se a uma impressão mental fixa. Gordon Allport a define como “crença exagerada associada a uma categoria”. (...) No campo das relações raciais e étnicas, um estereótipo é frequentemente definido como uma generalização excessiva a respeito do comportamento ou de outras características de membros de determinados grupos. (CASHMORE, Ellis. *Dicionário de relações étnicas e raciais*. São Paulo: Summus, 2000)

lugares em que as comunidades humanas se organizaram e das práticas que produziram para fazer frente a suas necessidades e superação de diferentes obstáculos. Essas diferenças são construídas dentro de relações de poder, e para refletir sobre elas é necessário buscar saber a partir de onde as diferenças foram construídas.

Estas diferenças são a fonte do preconceito ⁶, da discriminação ⁷ e da segregação⁸ de diversos grupos sociais, que historicamente estiveram submetidos à situação de colonização e de dominação. Os dominadores buscaram justificar suas ações atribuindo aos dominados a culpa por sua condição. Os estudos de Basil Bernstein investigam como se aprendem as posições de classe e como estas se traduzem em estruturas de consciência. É nessa passagem, do resultado dessa tradução que negros e negras no interior de sociedades ocidentais brancas “aprendem” seu lugar, aprendem sua discriminação e discriminam-se a si mesmos e aos seus semelhantes. A identificação com o opressor se traduz em

subalternidade consentida e em submissão.

No entanto essa subalternização não se deu sem resistência, não se deu da forma mecânica como a história oficial faz crer. Ainda que essa resistência não esteja presente ainda nos livros didáticos e na ficção brasileira, ela existiu e aos poucos vem sendo desvelada e analisada. Há tentativas e trabalhos sérios para que se reescreva esse aspecto ainda não resolvido do nosso passado e do nosso presente. “Como se sabe, a dominação colonial na África resultou da expansão de dois imperialismos: o do mercado, apropriando-se da terra, dos recursos e dos homens, e o da história, apossando-se de um espaço conceitual novo: o homem não-histórico, sem referências nos documentos escritos”. (MUNANGA, 1988:13).

A partir dessas reflexões, pretendemos nos debruçar de forma introdutória, a um aspecto importante da representação desse homem sem história e sem qualidades referidas pelos registros dos colonizadores europeus na sua

6 Do latim *prae*, antes, *judicium*, julgamento, pode ser definido como crenças e valores apreendidos, que conduz um indivíduo ou grupo de indivíduos a ser contra membros de grupos previamente a experiências atuais com estes grupos. (...) Estas generalizações são invariavelmente, derivadas de informações incorretas ou incompletas sobre o outro grupo. Aos indivíduos do grupo vítima do preconceito é negado o direito de ser reconhecido e tratado como indivíduos com características individuais. (CASHMORE, E. *Dicionário de Relações Étnicas e Raciais*, 2000:193)

7 Também conhecida como racismo, é expressão ativa ou comportamental do racismo e visa negar aos membros de

certos grupos um acesso igualitário aos recursos escassos e valiosos. Trata-se de algo mais do que pensar desfavoravelmente a respeito de certos grupos ou manter crenças negativas a seu respeito: a discriminação racial envolve colocar essas crenças em ação. (CASHMORE, E. *Dicionário de Relações Étnicas e Raciais*. 2000:171-72)

8 Do latim *segregare*. 1. Pôr de lado, pôr à margem; separar, marginalizar. **Segregação racial**. Política que objetiva separar e/ou isolar no seio de uma sociedade as minorias raciais. (...) (FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 1975:1281)

aventura africana, porque muito desse conhecimento será legitimador das manifestações ficcionais do Brasil do século XIX. A literatura brasileira do século XIX, notadamente a escola naturalista, vai apresentar em várias obras, personagens que encarnam as teorias e as representações das elites nacionais sobre a população negra, em período pós-abolição, em que os séculos de escravização são imediatamente tratados como fato a - histórico, portanto sem consequências maiores na legislação que tratou do fim do tráfico e da forma de produção escravista. Não houve indenizações, nem compensações, nem reparações. E os ex escravos passam desde sempre a carregar o estigma⁹ de liberto, escravo, subalterno mesmo quando deixou de sê-lo. E a literatura nos aparece como um importante campo de estudo dessas representações, uma vez que,

A ideia de que o narrador imprime ao texto, ainda que muitas vezes sem determinação consciente de fazê-lo, as digitais de seu tempo, de seus contemporâneos, de seu grupo, além das próprias, confere ao texto literário o caráter de testemunho da história que foi e da que não foi mais poderia ter sido: “o lado oculto da historiografia oficial e o registro da experiência humana: falsa ou não, ela

traduz a verdade”. (in BAIBICH, 2001:6)

A incursão dos europeus pela África de maneira sistemática e com propósitos definidos de exploração e expropriação desses povos coincide com a expansão das viagens ultramarinas, da expansão do mercantilismo e com a constituição das nações capitalistas modernas. As ciências biológicas foram colocadas a serviço da justificação dessa incursão e no século XVIII e XIX se constituem as chamadas teorias eugenistas que vão se expandir pelo mundo ocidental e chegarão ao Brasil no momento da abolição. Serão reelaboradas e apresentarão elementos nativos porque serão colocadas a serviço não da apartação de brancos e negros nas formas definidas por sociedades racialmente organizadas como Estados Unidos e África do Sul. Estas teorias serão à base das teorias de branqueamento da população, de um conjunto de ordenamentos políticos, econômicos e jurídicos que sustentarão uma série de atitudes do governo central no sentido de incentivar a imigração europeia, preocupando-se inclusive com que imigrassem povos que fossem mais acessíveis a casamentos inter-raciais.

9 Os gregos, que tinham bastante conhecimento de recursos visuais, criaram o termo estigma para se referirem a sinais corporais com os quais se procurava evidenciar alguma coisa de extraordinário ou mau sobre o status moral de quem os apresentava. Os sinais eram feitos com cortes ou fogo no corpo

e avisavam que o portador era um escravo, um criminoso ou traidor – uma pessoa marcada, poluída, que devia ser evitada: especialmente em lugares públicos. (GOFFMAN, 1988:11), (BAIBICH, 2001).

Ao longo dos séculos, os negros foram sendo retratados como inferiores e durante séculos, foi comprovada “cientificamente” esta inferioridade, uma vez que a ciência moderna e seu ideal de neutralidade e objetividade reafirmavam a superioridade do branco criando estereótipos e disseminando preconceitos sobre as formas afro-brasileiras de vida, de expressões religiosas, estéticas e culturais. O projeto estético da classe dominante no Brasil era o projeto eugênico. Quanto mais branco, de olhos e cabelos mais claros, mais próximo este homem e mulher estaria do ideal de progresso, de ciência, de técnica e de progresso.

O PROJETO ESTÉTICO DA CLASSE DOMINANTE NO BRASIL ERA O PROJETO EUGÊNICO. QUANTO MAIS BRANCO, DE OLHOS E CABELOS MAIS CLAROS, MAIS PRÓXIMO ESTE HOMEM E MULHER ESTARIA DO IDEAL DE PROGRESSO, DE CIÊNCIA, DE TÉCNICA E DE PROGRESSO.

Em Curitiba, por exemplo, o projeto de urbanização efetivado desde o final do século XIX e que ganhou novo impulso a partir dos anos setenta, terá nas matrizes europeias de arquitetura e urbanização o modelo e o padrão do que vai ser implantado na capital do Paraná, que vai se autodenominar, sintomaticamente, Capital Europeia, entre outros. O europeu louro de olhos azuis, estetizado e cristalizado no século XIX, será a imagem

representativa dessa cidade cuja identidade não será construída com os elementos nacionais, e a parcela negra da população não será representada na história regional, nas imagens arquitetônicas, nem nos livros didáticos e no cotidiano da escola. Alguns resultados serão situações diárias de constrangimentos e humilhações que produzem baixa-estima e acabam contribuindo para aumentar os números da exclusão escolar entre as crianças e

jovens negros/as. (ALBUQUERQUE, 2003).

A ficção brasileira, sobretudo do século XIX, marcada pela estética naturalista em que a sociedade definia

os sujeitos a partir do determinismo biológico. Isto significava que homens e mulheres estarão subordinados às circunstâncias de seu pertencimento étnico e de seu ambiente, não tendo, portanto, domínio ou controle de si mesmo e de seu destino e/ou decisões.

É neste cenário e dentro dessa conjuntura histórica que serão estruturados os romances dessa escola literária. Dentre eles, “O Bom Crioulo”, de

Adolfo Caminha, cujo personagem principal traz consigo as marcas da estereotipia da população negra brasileira, cujos valores, moral e virtudes eram classificadas pela biologia eugenista de padrões eurocêntricos, como pervertida, imoral, sem controle e dada à luxúria e ao desregramento dos sentidos e dos costumes. Um sujeito com elementos de auto-ódio, de ferida na identidade, onde a bebida e as reações violentas aparecem como recurso antiálgico ¹⁰ da sua condição de negro, de homem em busca da liberdade, do amor, do idílio, de um lugar no mundo para viver em paz.

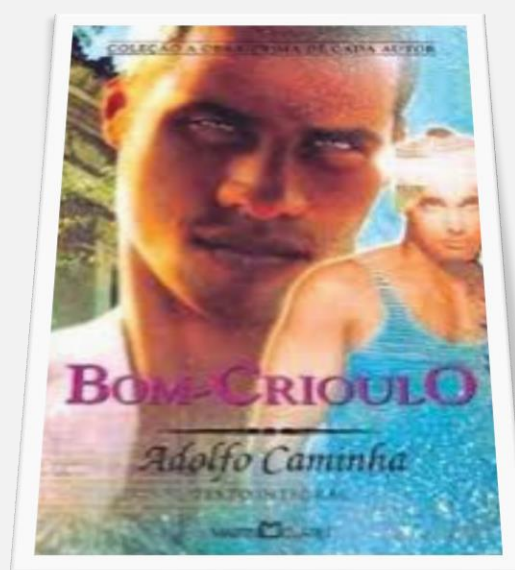
II– O Bom Crioulo: reflexões sobre a representação da identidade negra na literatura brasileira do século XIX – Eugenia e colonialismo.

A leitura inicial deste romance, de imediato remete aos versos iniciais de “O Navio Negreiro” de Castro Alves, antecipando a técnica cinematográfica de aproximação da câmera de um cenário distante que se vai aproximando. A descrição lembra as características do

romantismo nos seus primeiros parágrafos.

Ao relatar o mundo em alto mar e o cenário paradisíaco do céu azul e da corveta com velas brancas içadas, Caminha remete para o elemento romântico da obra: o mar, a linha do horizonte, a vida a bordo.

No entanto, já nas primeiras páginas nos deparamos com cenas de castigos físicos



onde abundam as descrições físicas da dor, dos ferimentos, do sangue. Estas cenas quebram o romantismo dos parágrafos iniciais e nos introduzem num violento mundo militar com suas hierarquizações e punições exemplares. O primeiro negro descrito no romance, o da corneta, tem sua descrição correspondente ao imaginário exótico,

10 Termo retirado da literatura médica e utilizado por BAIBICH (2001), para designar atitudes com a intenção de aliviar a dor provocada por ser o que se é. Refere-se aos movimentos de assimilação e de negação da identidade judaica como forma de livrar-se das perseguições e dos preconceitos

advindos dessa condição. Utilizamos aqui para referir-se a outro grupo vítima de preconceito, os afrodescendentes. (ALBUQUERQUE, J. 2003:14).

“em cuja fisionomia acentuavam-se linhas características de estupidez e subserviência”. (p. 10)

O Bom-Crioulo surge nesse contexto de punição e violência. O espaço do navio e do trabalho como marítimo, são apresentados pelo personagem como sinônimos de liberdade num primeiro momento. À prisão das fazendas têm-se a imensidão do mar e do horizonte naval. No entanto, este que busca a liberdade, apresenta-se de início num cenário de castigos como os que conheciam na antiga condição.

Na memória do por que estava sendo castigado, são relatados seu descontrole, sua relação com a bebida, e a incapacidade de resolver suas diferenças sem violência e desentendimentos. Seu nome, Amaro, sinônimo de amargo, anuncia um destino e um temperamento. Este é um quadro que retoma o estereótipo do negro brigão, valentão e criador de casos. Como caberia ao romance naturalista, os traços marcantes reproduzem sua condição marginal, de negro fugido que se mete o tempo todo em confusões.

O que diferencia Bom-Crioulo é sua exibição de coragem, de negro que não abaixa a cabeça e que não se subalterniza. Quando o faz, é por amor a Aleixo, para agradar aos superiores e ter

licenças para estar com ele fora dali. Mas ainda que se humanize no amor por Aleixo, não deixa de ser apresentado na sua condição de animal superior, na descrição insistente de seus músculos, sua forma física. No trato social permanece o selvagem, o sujeito irracional que não tem controle se seus sentimentos.

Quando encontramos diversos romances, textos científicos, pinturas que apontam para uma mesma imagem de um grupo social, para uma construção discursiva sobre este grupo, temos a refração cultural da luta de classes e da luta racial

**QUANDO ENCONTRAMOS
DIVERSOS ROMANCES, TEXTOS
CIENTÍFICOS, PINTURAS QUE
APONTAM PARA UMA MESMA
IMAGEM DE UM GRUPO SOCIAL,
PARA UMA CONSTRUÇÃO
DISCURSIVA SOBRE ESTE GRUPO,
TEMOS A REFRAÇÃO CULTURAL
DA LUTA DE CLASSES E DA LUTA
RACIAL QUE SE PRODUZ NO
BRASIL.**

que se produz no Brasil. Temos o olhar das elites brancas que temiam a maioria negra e viam no branqueamento a superação de nosso atraso, e para isso apoiavam-se na crença dogmática da superioridade do branco europeu, heterossexual e ocidental. Como sabemos, “a cultura não é um campo

autônomo nem externamente determinado, mas um local de diferenças e de lutas sociais”, uma vez que os processos culturais estão ligados a relações de poder. Oracy Nogueira, sociólogo paulista, compara o racismo americano e o brasileiro e caracteriza este último como preconceito de marca e não de sangue como ocorre lá. Assim, na situação brasileira, não interessa a ascendência do indivíduo mais sim de seus traços, suas marcas. (FERNANDES, FLORESTAN). A questão racial brasileira vista por três professores ¹¹. O branqueamento, mediante a miscigenação, seria uma das formas de “limpeza racial” do povo brasileiro.

São estas relações de poder que definem as relações entre Amaro, o amargo, o negro, o violento, agressivo, beberrão e pervertido, e Aleixo, o doce efebo grego louro, de olhos azuis diante do qual o Bom-Crioulo se prostra em adoração. De acordo com o Velho Testamento, o nome é a essência da alma. “A palavra em hebraico para alma - neshamá é composta de quatro letras, as duas letras do meio formam a palavra shém, que significa nome¹².” Pede-lhe que se dispa e é o jovem branquíssimo quem alega constrangimento e estar sendo agredido, mas é Amaro quem se dobra, se

deslumbra, se desarma e se entrega. Aleixo não manifesta desagrado mantendo-se calado e deixando-se crer que está conforme com a situação. No entanto, apenas visava sua conveniência e a vantagem de tal relacionamento. A cena em que iluminado pela luz da vela Aleixo se despe para Amaro, é a estilização do deslumbramento e adoração do primitivo e subalterno diante da superioridade branca que é mitificada, santificada.

No romance analisado, fica evidenciada a relação racial com um campo de diferenças e lutas sociais, um campo de poder e de opressão. A Capacidade de trabalho de amora é ressaltada como elemento formador de sua identidade, a sua força e seus músculos são repetidamente valorizados ao mesmo tempo em que são reiteradas as memórias de seus excessos alcoólicos, suas brigas e seu descontrole, em que sobressai a “figura de recruta alheio às praxes militares, rude como um selvagem, provocando a cada passo gargalhadas irresistíveis com seus modos ingênuos de tabaréu; mas no fim de alguns meses, todos eram de parecer que “o negro dava para gente”. Ou então o autor lembra que a liberdade e a soberania de si mesmo eram coisas “que o seu instinto alcançava

¹¹ In Revista USP, São Paulo, nº 68, p. 168-179, dez/fev, 2005 – 2006.

¹² Blech, Benjamim Rabino. O mais completo *Guia sobre Judaísmo*. São Paulo: Sêfer, 2004, p. 210.

muito vagamente através de um nevoeiro de ignorância” em outra passagem, alguém diz de Amaro que este tem mudanças repentinas e violentas de humor, que pode estar “hoje manso como um cordeiro, amanhã tempestuoso como uma fera”. E o personagem em questão conclui genericamente que são “cousas do caráter africano”, (p.38). Então, o ser humano Amaro, estava definido por seu pertencimento étnico, tal qual definida a ciência da época, tal qual o descrevia o discurso ideológico e científico, ou científico - ideológico, ainda que esta afirmação pareça paradoxal.

Ou seja, o comportamento de Amaro, compõe o perfil traçado pelos teóricos da eugenia¹³, reforça a estereótipo do negro boçal e com perversão dos costumes. Aleixo apenas deixa-se levar, ainda que não seja inocente é reiteradamente retratado como um anjo. Um anjo decaído, mas um anjo: com seus cabelos louros encaracolados, olhos muito azuis e pele muito branca e lábios muitos vermelhos, faz lembrar as imagens de anjos barrocos, aquelas mesmas que artistas negros esculpiram para nossas igrejas, sobretudo da região das Minas Gerais.

É a esperteza ladina de Aleixo que lhe garante viver melhor. Aleixo é

escorregadio, sedutor e silencioso. Mas o que quer. Mantém-se alheio, de cima, sorrateiro, recebendo os agrados de Amaro, mas se entregando, não se revelando completamente. Lá pela página 43 é que o autor nos permite saber que para Aleixo “o negro não lhe fazia muita falta”. E é quando começa a olhar para D. Carolina. Ou quando sabemos que ele está olhando para D. Carolina e para a vida boa que a mesma lhe pode dar, e com quem pode exercitar sua orientação sexual heterossexual, até porque no universo militar estar com mulheres é sinal de superioridade e de afirmação. Se ela for sobretudo branca. Porque a condição de negro de Amaro certamente não passava despercebida a Aleixo como fator de desvalorização social, mostra gosto em sair a lugares públicos com Carolina.

Um desencontro, Aleixo não estava em casa, e Amaro se descontrola, se embebeda e cumpre o destino de sua condição racial: briga, é preso, é castigado novamente. Vive e revive sua condição de escravo em diferentes formas: escravo de Aleixo, escravo de seus instintos que não consegue dominar, escravo de sua ira. O mal-estar consegue mesmo pela ausência de Aleixo, a luz e alegria da sua vida, é traduzida e filtrada

13 Movimento social originado por Francis Galton (1822-1911), autor de *Hereditary Genius*. O termo é correntemente definido como uma ciência voltada para o melhoramento das potencialidades genéticas da espécie humana. (CASHMORE,

E. *Dicionário de Relações Étnicas e Raciais*, apud ALBUQUERQUE, J. 2003:7).

pela ficção, na passagem de Amaro pelo Hospital. A penumbra e a frialdade da enfermaria, a solidão a que é submetido, em que:

Longe da Rua da Misericórdia e do seu único afeto, obrigado a um regime convencional, alimentando-se parcamente, ouvindo a toda hora gemidos que lhe entravam na alma como uma salmodia agourenta, como a dorida expressão de seu próprio abandono, metido entre as paredes de uma lúgubre enfermaria – ele que amava a liberdade com um entusiasmo selvagem, e cujo ideal era viver sempre na companhia de Aleixo, do ingrato Aleixo...

Analisando a estada do Bom-Crioulo nesse ambiente de doença e não de saúde, o autor enfoca o renascer do seu ciúme como doença, do seu amor que ressurgiu e transparece como “essa obsessão doentia redobrava com uma força prodigiosa” (p.60). E então a sensualidade atribuída aos negros e negros, relacionados ao mundo animal e em forma de adoração e possessão masculina carregada de elementos de dominação machista, retomando o estereótipo colonialista da “tribo dos homens nus” reaparece com toda a força do estigma que cerca a negritude:

O Bom-Crioulo da corveta, sensual e humanista, cheio de desejos inconfessáveis, perseguindo o aprendiz de marinheiro como quem fareja uma rapariga que estréia na libertinagem, o Bom-Crioulo erotômico da Rua da Misericórdia, caindo em êxtase

perante um efebo nu, como um selvagem do Zanzibar diante de um ídolo sagrado pelo fetichismo africano – ressurgia milagrosamente.

É este sujeito dominado pelos ciúmes, sem controle de si mesmo, que não consegue refletir e que apodrece numa cama de hospital que vai de novo, fugir em direção à única liberdade possível para o destino que lhe cabia nessa ordem social, econômica e cultural. Enquanto este destino é tecido nos pressentimentos e nos sonhos de Carolina e de Amaro, aquela lhe corta a comunicação com o mundo e se torna senhora não só do quatinho, mas de todo o seu mundo, conquanto Aleixo seja seu mundo maior. E atribui ao Bom-Crioulo as más qualidades: “Para que sobressaltar o Aleixo? Ele bem sabia que o outro não o abandonava facilmente: negro é raça do diabo, raça maldita, que não sabe perdoar, que não sabe esquecer...”. Quanto a Aleixo, Carolina “beijava-o a cada instante, meiga, carinhosa e feliz, como se todas as virtudes estivessem reunidas ali, no olhar de Aleixo, nesse olhar ideal, de uma doçura infinita”.

Também para o Bom-Crioulo os olhos claros e azuis de Aleixo exerciam fascinação, domínio, encantamento. Acredita ser “o marido” de Aleixo, lembrando que este é construído como figura feminina no início da narrativa. No entanto, longe de Amaro, Aleixo floresce,

se torna encorpado, forte, um homem. E enquanto Aleixo desabrocha e floresce como homem, Amaro se consome em feridas, em pústulas como se apodrecesse em vida, em feridas da pele. Ou não seriam... feridas da cor da pele? O menino branco, alvo, de cabelos cacheados como um anjo barroco, um anjo decaído pelas mãos do sedutor que agora se conforme em enfermidades. É o destino se cumprindo. É a punição da espécie que não perdoa a traição e a decadência das determinações de reprodução da espécie. Aleixo era o anjo decaído, mas Amaro, supremo pecado, era o desvirtuador da inocência, era o perverso, o sangue ruim que agora aparecia e se traduzia em feridas por todo o corpo.

E quando sabe, enfim que Aleixo e Carolina estão juntos, e ao vê-lo quando vinha em direção ao sobradinho da Misericórdia, nos anuncia o narrador que “o negro teve um daqueles ímpetos medonhos, que o acometiam às vezes; garganteou um – oh! Rouco, abafado, comprimido, e, ligeiro, furioso, perdido de cólera, sem dar tempo a nada, não enxergava nada, tresvairado, como se de repente lhe houvesse fugido a luz dos

olhos e a razão do cérebro” (p.79). E enfim, outra vez tomado pelo instinto, pela sua determinação biológica¹⁴ e, portanto, sem conseguir controlar sua vontade, o Bom-Crioulo executa a justiça ou vingança pela dupla traição de que fora vítima.

E então, no parágrafo final, podemos observar como a ficção pode traduzir uma realidade social numa dimensão cristalina. Mesmo depois de morto, o cadáver de Aleixo, tão branco, tão louro, causava mais interesse e comoção: “ninguém se importava com “o outro”, com o negro, que lá ia, rua abaixo, triste e desolado, entre baionetas, à luz quente da manhã: todos queriam “ver o cadáver”, analisar o ferimento, meter o nariz na chaga...”.

E o narrador encerra esta tragédia num cenário em que a força da vida cotidiana e do presente imediato se sobrepõe às tragédias, à vida e à morte. E o menino branco, mesmo morto tem mais importância e humanidade que o Bom-Crioulo. Podemos intuir que Adolfo Caminha, ao trabalhar os estereótipos no personagem Amaro, também evidencia a hipocrisia daqueles que traindo, enganando, se consideram mais decentes, porque mais controlados, mais

14 No passado, a crença de que as “raças” humanas possuíam diferenças biológicas substanciais e bem demarcadas contribuiu para justificar discriminação, exploração e atrocidades. Recentemente, porém, os avanços da genética molecular e o sequenciamento do genoma humano permitiram um exame detalhado da correlação entre a variação genômica humana, a ancestralidade biogeográfica e a

aparência física das pessoas, e mostraram que os rótulos previamente usados para distinguir “raças” não têm significado biológico. (Pena, Sérgio D.J. e Buchal, Telma S.). A inexistência biológica versus a existência social de raças humanas: pode a ciência instruir o ato social? (In Revista USP, São Paulo, p.10, dez/jan/fev, 2005 – 2006.

dissimulados. Apesar de viver num contexto de misérias afetivas e de relações violentas do poder, Amaro conseguiu construir um espaço de afeto e atenção, ainda que reproduza e represente nesta obra, a condição de submissão ao poder e à sedução representadas pela pele branca nesse texto ficcional. A melhor pessoa desse romance, a mais leal e verdadeira, apesar de toda a carga negativa que a marca, apesar de todo o estereótipo racial, Amaro se apresenta como um único desse triângulo que diz e faz o que realmente sente.

Amaro não tem outros vínculos que não sejam o trabalho, a bebida e, depois, Aleixo. Não faz parte de uma família, de um grupo identitário. Rompeu com o espaço e com as pessoas do eito, e encontra na Marinha uma reprodução em parte daquilo que fugia. Nesse sentido, “a obra literária é o registro da História que poderia ter sido, mas não foi. Daí, então, ela ser a alegoria que mostra a História como ruína. Como ruína alegórica, testemunha a História, e como ela não é: “o sido e o não-sido”. (SZKLO, 1990:47 apud BAIBICH, 2001:9).

Entendemos que Amaro, como personagem de romance do século XIX, marcado pelos discursos etnocêntricos de matrizes europeias, pela discussão da eugenia e pela política de branqueamento

das elites nacionais, está marcado pelo projeto estético que se constitui no Brasil, e pelo poder simbólico da superioridade branca. Nesse sentido, Amaro, o Bom-Crioulo cumpre seu papel e confirma seu estigma, pois “a ficção, para Lacan e Freud, obedece a certas leis e recusa o acaso, já que as personagens são levadas a agir não somente por vontade do autor, mas porque estão submissas à ordem simbólica”. (WILLEMART, 1995:151 apud BAIBICH, 2001:12).

E então, Amaro também se submete à ordem simbólica a ele definida pela amargura, pela solidão, pela ruptura de seus laços identitários e comunitários, e por uma história que se constrói ou tenta se construir a partir do amor e da dedicação a este amor, marcado pela diferença étnica, pelo mergulho em um mundo que não é seu. Amaro é separado de sua ancestralidade, de seu povo, e vive a ruptura das condições de se constituir como um ser inteiro. Distanciado de suas origens nas quais poderia afirmar sua humanidade, este ser partido volta à condição inicial de prisioneiro, de cativo. Sua última prática de liberdade foi aniquilar quem lhe provocou tantas feridas. E mergulha outra vez na obscuridade, no cotidiano da rotina que engole individualidades e sonhos.

Referências bibliográficas

ALBUQUERQUE, J. O **racismo Silencioso em escolas Públicas de Curitiba: Imaginário, Poder e Exclusão Social**. Dissertação de Mestrado. UFPR, 2003.

ARAÚJO, J. Z. A. de. **A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira**. São Paulo: Editora SENAC, 2000.

BAIBICH, T. Fronteiras da Identidade: **O Auto-Ódio Tropical** – Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.

BERND, Z. **Negritude e Literatura na América Latina**. Porto Alegre: mercado Aberto, 1987.

CAMINHA, A. **Bom-Crioulo**. São Paulo: Ática, 1983. Série Bom Livro.

CASHMORE, E. **Dicionário de Relações Étnicas e Raciais**. Trad. Dinah Klevej. São Paulo: Summus, 2000.

FRENETTE, M. **A importância da cor da pele**. São Paulo: Publisher Brasil, 2000.

GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História**. Trad. Federico Carotti. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MUNANGA, K. Negritude: **Usos e Sentidos**. São Paulo: Ática, 1988.

SAID, E. Orientalismo: O oriente como invenção do **Ocidente**. Trad. Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.